

Um caminho novo

Uma idéia considerada mal-dita pelas grandes potências credoras está fazendo seu caminho: é a da negociação comum da dívida externa pelos países devedores da América Latina.

Ainda que discretamente, cada país à sua maneira vem defendendo a «troca de idéias», o «intercâmbio de opiniões» entre os devedores da América Latina. Apesar dos protestos dos credores, eles se entendem sempre, o processo avança.

Basta que se verifique o paralelismo entre as reuniões do FMI e do Comitê de desenvolvimento do Banco Mundial e as reuniões dos subdesenvolvidos para que a correlação passe a ficar clara. Mesmo utilizando-se de eufemismos, os problemas discutidos são os mesmos. É assim que vem progredindo a tese de que o fenômeno da dependência desapareceu no mundo atual e a interdependência passou a imperar.

A dívida externa dos países da América Latina é tal e sua importância nos mecanismos financeiros do mundo atual tem tal peso que dispomos de uma arma preciosa nas negociações.

Este peso, o de nossa economia no mundo e o da nossa participação no comércio mundial, é tal que temos um poder antes não suspeitado. A descoberta desta situação só foi possível com o abandono de uma posição de seguidismo em que nos encontrávamos. Este abandono, esta mudança de perspectiva nas negociações só foi possível com o agravamento de nossa situação. Ela em si não provocou mudanças, mas associadas a um processo de tentativa — frustrada inicialmente e exitosa depois — de superarmos as dificuldades de aten-

dimento aos nossos compromissos internacionais, alertou aos governos da América Latina para o poder que dispunham se unidos.

Foi nas diferentes tentativas de ordenamento de suas economias que os países latino-americanos encontraram a autoridade para proporem situações em que as relações de força lhes fossem mais favoráveis. Só controlando situações desfavoráveis é que alguns países do continente encontraram autoridade para a formulação de propostas, que podem vir a alterar substancialmente a ordem econômica mundial.

Brasil, México, Argentina e outros países irmãos, enfrentando muitos as mesmas dificuldades, descobriram que pesam no mundo mais do que parecia. A situação de interdependência se caracterizava. Participando de forma sensível do equilíbrio financeiro mundial, detínhamos um poder de negociação impressionante.

Lentamente, mas de forma inexorável, o caminho da tese da negociação coletiva foi se impondo. Ainda hoje não se formula claramente este princípio, mas na prática o entendimento entre devedores passou a constituir um elemento de coordenação de posições.

O Brasil passou a encerrar a reordenação de sua economia não como uma necessidade imposta pelos credores, mas sim como um imperativo indispensável para manter e sustentar um projeto nacional. Foi desta forma que surgiram os instrumentos para adotar uma posição peculiar nas relações internacionais: sem confronto, mas abrindo o caminho para melhores condições de negociação para a América Latina.